

A LINHA COLONIZADORA: REFLEXÕES SOBRE O CAVALO NA OBRA *CHARROI DE BOIS DE CHARPENTE* DE DEBRET

THE COLONIZING LINE: REFLECTIONS ON THE HORSE IN DEBRET'S *CHARROI DE BOIS DE CHARPENTE*

Carla Santana Soares Bulcão
PPGEAHC/Mackenzie

Resumo

Este artigo, situado no campo das artes visuais, propõe uma reflexão sobre a representação do cavalo como símbolo de trabalho e subordinação na gravura *Charroi de bois de charpente* (1835), de Jean-Baptiste Debret. Parte-se da problemática sobre como a arte visual pode expressar e naturalizar uma visão antropocêntrica e utilitarista sobre o corpo equino. A pesquisa adota análise temática com foco nas linhas como elemento gráfico estruturante, destacando uma observação gráfica acentuada denominada Linha Colonizadora, utilizada para indicar mecanismos de subordinação inscritos na obra. Os resultados indicam que o cavalo é representado como extensão funcional, revelando tensões entre a supressão de sua complexidade e a exigência de força de trabalho. Conclui-se que a gravura apresenta processos históricos de instrumentalização desse ser, abrindo espaço para revisões críticas sobre hierarquias interespecies construídas na linguagem visual.

Palavras-chave:

Análise gráfica; cavalo; hierarquias interespecies; Linha Colonizadora; representação visual.

Abstract

*This article, situated within the field of visual arts, proposes a reflection on the representation of the horse as a symbol of labor and subordination in the engraving *Charroi de bois de charpente* (1835), by Jean-Baptiste Debret. The study addresses the issue of how visual art can express and naturalize an anthropocentric and utilitarian view of the equine body. The research adopts thematic analysis focusing on lines as a structuring graphic element, highlighting an emphasized graphic observation referred to here as the Colonizing Line, used to indicate mechanisms of subordination inscribed in the image. The results suggest that the horse is represented as a functional extension, revealing tensions between the suppression of its complexity and the demand for labor. It is concluded that the engraving presents historical processes of instrumentalization of this being, opening space for critical revisions of interspecies hierarchies constructed within visual language.*

Keywords:

Graphic analysis; horse; interspecies hierarchies; Colonizing Line; visual representation.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida em 2024, no campo das artes visuais e das humanidades, com foco na representação de cavalos e de outras espécies não humanas na arte e na linguagem visual. Parte-se da indagação central sobre como os animais não humanos, especialmente os cavalos, têm sido historicamente figurados como instrumentos de trabalho, subordinados à lógica funcional que caracteriza as relações interespecies em contextos coloniais e pós-coloniais. Nesse sentido, estabelece-se como problematização a recorrente redução desses seres a dispositivos mecânicos, apagando suas subjetividades. A escolha da gravura *Charroi de bois de charpente* (1835), de Jean-Baptiste Debret, justifica-se por constituir um registro visual no qual tais tensões se revelam, uma vez que, ainda que de forma não intencional, a obra revela a complexa integração do cavalo às práticas laborais do século XIX e expõe simbolicamente a lógica de subordinação que o atravessa.

A pesquisa propõe uma abordagem fundamentada em revisão bibliográfica multidisciplinar, com ênfase nas contribuições da filosofia, etologia, sociologia, medicina veterinária e teoria da arte. O sujeito não humano é tratado como eixo central do debate, buscando evidenciar como as representações visuais podem consolidar, questionar ou ressignificar concepções historicamente arraigadas sobre as relações interespecies. A metodologia adotada é a análise temática, inspirada em Braun e Clarke (2006, p. 77-107), aplicada ao campo da imagem, com foco específico nas linhas como elemento gráfico estruturante. A opção por desconsiderar outros recursos pictóricos, como luz, sombra e textura, visa manter o olhar concentrado na construção simbólica do cavalo enquanto corpo instrumentalizado. Essa escolha metodológica permite desenvolver, ao longo do estudo, uma proposta de leitura gráfica que emerge da análise das linhas presentes na gravura e se organiza no que se denomina, neste artigo, como Linha Colonizadora, tomada como recurso visual para testemunhar mecanismos de subordinação representados na composição.

A partir dessa abordagem, o artigo analisa como o corpo do cavalo é visualmente incorporado à carroça, trabalhando como extensão da máquina e reforçando uma estrutura de exploração. Ao mesmo tempo, a gravura permite identificar indícios visuais de exaustão e submissão, revelando tensões entre funcionalidade e subjetividade. Ao avaliar essas fissuras, o trabalho pretende contribuir para um debate mais amplo sobre a representação dos animais na arte e sobre os modos como as imagens participam da construção e naturalização das hierarquias interespecies.

Por fim, a introdução orienta a estrutura do desenvolvimento, que se organiza da seguinte forma: inicialmente, apresentam-se as linhas como códigos gráficos e metodológicos da análise; em seguida, adentra-se na obra de Debret e em seu contexto histórico; posteriormente, apresenta-se os estudos gráficos que destacam tensões, forças e mecanismos de tração aplicados ao corpo equino; na sequência, desenvolve-se a formulação da Linha Colonizadora, articulada às observações visuais; e, por fim, esses elementos são retomados nas considerações finais, vinculando-os aos objetivos e à problemática da pesquisa.

AS LINHAS COMO CÓDIGOS

A compreensão das linhas como códigos visuais requer situá-las no campo mais amplo das práticas de significação. Conforme argumenta Hall (2016, p. 18), os signos e os símbolos são utilizados para expressar conceitos, ideias e sentimentos, funcionando como instrumentos que representam ou remetem a objetos e experiências compartilhadas. Os conceitos e as relações que estabelecem entre si são armazenados mentalmente e articulados por meio de sistemas culturais de significados, que estruturam modos de ver e modos de pensar. Assim, a imagem não apenas reflete o mundo, mas participa de sua construção discursiva, o sentido não é inerente às coisas, mas produzido por meio de práticas significantes capazes de fixar e naturalizar interpretações (Hall, 2016, p. 46).

Nesse contexto, a representação do cavalo na história da arte revela como determinados códigos visuais colaboraram para consolidar configurações hierárquicas entre humanos e não humanos. A forma como esse animal é frequentemente figurado como força motriz ou recurso produtivo expõe como as tradições de pensamento marcaram sua posição social. Essa leitura mecanicista não decorre da natureza do animal, mas de construções históricas e culturais, reforçadas pelo pensamento cartesiano, que consolidaram sua interpretação como instrumento utilitário. A perspectiva mecanicista proposta por Descartes (2001), ao reduzir os animais não humanos a máquinas destituídas de sensibilidade, contribuiu para legitimar práticas de exploração sustentadas até hoje por interesses econômicos e discursos que rejeitam a senciência. A permanência desse modelo revela que a atribuição de sentido é inseparável das estruturas de poder que a sustentam.

Essa lógica de dominação articula-se a sistemas opressivos mais amplos. Como discutem Horta (2017) e Singer (2004), a violência contra animais não humanos permanece naturalizada e invisibilizada, atuando como elemento estrutural de um regime que administra vidas e mortes sob critérios de utilidade. Ao negar a subjetividade às demais espécies, construção discursiva e práticas abusivas se reforçam mutuamente. Nesse sentido, a arte e suas representações não são neutras, mas operam como tecnologias culturais que podem fixar ou tensionar sentidos, reiterar ou questionar hierarquias.

É nesse campo que se insere o estudo das linhas na gravura *Charroi de bois de charpente*. Em diálogo com Hall (2016), DeMello (2012) compreende que as representações visuais revelam sistemas de valores que atravessam práticas artísticas e discursos sociais. Diante dessa perspectiva, as linhas tornam-se códigos estruturantes da representação, capazes de ordenar o espaço visual e organizar hierarquias entre os corpos ali figurados.

Para explicitá-los, propõe-se observar as linhas presentes na gravura e suas recorrências e semelhanças, seguindo o processo

metodológico da análise temática conforme apresentado por Braun e Clarke (2006, p. 77-107). Essa abordagem permite extrair, a partir dos dados visuais, padrões que oferecem base para interpretações simbólicas e narrativas subjacentes à imagem. Segundo as autoras, a análise temática busca identificar, analisar e relatar padrões dentro dos dados por meio das etapas de familiarização, codificação, identificação e revisão de temas e produção do relatório. No contexto desta pesquisa, esse relatório assume dimensão visual e interpretativa, pois o estudo das linhas opera como chave para compreender a forma como o cavalo é representado e como sua figuração se relaciona com um regime de desempenho automatizado, no qual esse corpo é emparelhado a uma engrenagem produtiva destinada à força contínua e repetitiva.

Opta-se, portanto, por concentrar a análise exclusivamente nas linhas, desconsiderando outros elementos gráficos como ponto, luz, sombra e textura. Essa escolha metodológica delimita o foco investigativo, permitindo uma leitura sublinhada das linhas enquanto elemento central na construção da figuração e na representação simbólica do cavalo, além de oferecer base para o posterior desenvolvimento da proposta gráfica denominada Linha Colonizadora.

REFLEXÕES SOBRE O CAVALO NA OBRA CHARROI DE BOIS DE CHARPENTE

A Missão Artística Francesa trouxe ao Brasil um conjunto significativo de transformações culturais, introduzindo novas técnicas, métodos acadêmicos e modos de representação que marcaram a produção visual no início do século XIX. Além do impacto estético, essa missão também consolidou um olhar estrangeiro sobre a realidade brasileira, que se traduziu em registros visuais e textuais de grande valor histórico. Essa perspectiva se confirma na obra de Debret, especialmente em *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, na qual o artista descreve cenas do cotidiano e das relações sociais, como o transporte de madeira, destacando a importância dessas práticas para a urbanização e a economia da

capital imperial (Bittencourt; Fernandes, 1967).

Nesse sentido, a Figura 1 pode ser compreendida como parte de um conjunto de representações que, além de registrar costumes e formas de trabalho, destaca o papel estratégico das rotas de abastecimento e da logística no desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro no século XIX. A obra integra o acervo *Brasiliana Iconografia* da Biblioteca Nacional e foi produzida em 1835 pela casa de litografia Thierry Frères a partir do desenho original de Debret. Classificada como uma cena de costumes e trabalho, apresenta um cavalo que puxa uma carroça carregada de madeira destinada à construção civil, documentando práticas fundamentais das redes de comércio e distribuição que sustentavam o crescimento urbano (Debret, 2016, p. 293).

Ao reconhecer essa gravura como registro histórico, a Biblioteca Nacional ressalta sua relevância documental, salientando a importância do transporte de madeira para a economia da época e para o processo de urbanização da capital imperial. Diante disso, a obra constitui testemunho visual significativo para os campos da história, economia, sociologia e antropologia, permitindo compreender como práticas laborais, representações iconográficas e projetos de

modernização materializam modos específicos de organização social e de uso do corpo, de animais humanos e não humanos, no contexto colonial e pós-colonial brasileiro.

No entanto, emerge a pergunta: quem é esse cavalo representado na obra de Debret? Trata-se de um sujeito com protagonismo ou apenas da máquina conforme concebido por visões mecanicistas? Para adentrar nesse questionamento, recorre-se à perspectiva do etólogo Hontang, que menciona que os árabes costumam dizer que o cavalo é o animal que, por sua inteligência, mais se aproxima do ser humano.

Talvez essa afirmação se deva à posição inigualável que o cavalo ocupa na vida do árabe, da qual ele participa integralmente, o árabe não pode subsistir sem o cavalo, que é para ele a criatura mais útil. Ele corre o dia inteiro sem beber e sem comer e ainda o salva da fome. Se for atacado, graças ao cavalo, ele foge de seus inimigos, carregando o que possui de mais precioso - ou volta a atacar numa expedição vingadora e se enriquece com os despojos. Os serviços que lhe presta o cavalo são imensos e ele o tem sempre amado mais que ouro (Hontang, 1989, p. 27).



Figura 1 - *Charroi de bois de charpente* (Carreta de madeira de construção). Jean-Baptiste Debret (desenho); Thierry Frères (litografia), 1835. Fonte: Prancha 88. Debret, 2016, p. 292.

Argumenta-se que a visão apresentada pelo autor é marcada por uma orientação antropocêntrica, ao atribuir ao cavalo características humanas, especialmente no que se refere à sua servidão e ao juízo de valor sobre o que seria considerado inteligente. Essa perspectiva está enraizada em uma visão contemporânea e hegemônica, na qual a inteligência humana é tomada como parâmetro absoluto para avaliar outras formas de vida. Aqueles que se afastam desse modelo são frequentemente considerados menos inteligentes, enquanto os que se aproximam, sobretudo pela subserviência, são valorizados por sua utilidade, como ocorre com os equinos. Nessa circunstância, a inteligência acaba sendo associada ao grau de serventia: quanto mais servil, mais inteligente o animal não humano tende a ser percebido dentro dos critérios humanos.

O autor reforça essa ideia ao afirmar que um dos segredos da educação do cavalo e do desenvolvimento de sua inteligência reside em sua convivência com o ser humano (Hontang, 1989, p. 27). Para ser considerado educado e sagaz, o cavalo deve estar diretamente vinculado ao serviço que presta. Essa concepção levanta a questão de como o animal retratado por Debret foi compreendido, uma vez que está visualmente integrado à função de sujeição. É justamente essa abordagem gráfica que a análise procura abordar.

Por fim, cabe observar que, embora exista a possibilidade de o animal desenhado por Debret ser uma égua, o texto adota o termo cavalo por razões linguísticas. Na língua portuguesa, o gênero masculino tende a prevalecer quando o gênero do sujeito não está explicitamente identificado. Dessa forma, utiliza-se cavalo para manter a clareza e a consistência terminológica ao longo do artigo, considerando que a gravura não explicita o gênero do equino representado.

No detalhe da gravura, a Figura 2 apresenta um animal domesticado, típico dos tropeiros de São Paulo, apresentando técnicas específicas de manejo aplicadas às atividades econômicas do período. Conforme descrito na obra (Debret, 2016, p. 293), a utilização de

correias largas para fixar a carga de madeira à carreta, prática mencionada como originária do território que hoje corresponde ao estado de Santa Catarina, mostra processos de transferência e adaptação de saberes técnicos entre diferentes regiões. Essa seção da obra documenta aspectos logísticos e práticas culturais e sociais do Brasil oitocentista.



Figura 2 - Detalhe ampliado da gravura *Charroi de bois de charpente*.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Debret, 2016, p. 292.

Ao fundo da cena, observa-se ainda um carro com rodas maciças e eixos giratórios, puxado por quatro bois, que remete às estratégias de transporte de cargas pesadas adotadas na época. Percebe-se também um pequeno grupo de trabalhadores humanos transportando manualmente uma viga comprida, o que ilustra, de maneira contundente, as condições árduas de trabalho e as dinâmicas sociais e raciais subjacentes à composição.

Os elementos visuais, segundo Dondis (2015), constituem a substância básica de qualquer mensagem visual e incluem ponto, linha, forma, direção, tom, cor, textura, proporção, dimensão e movimento. Para a autora, o alfabetismo

visual se preocupa com a forma inteira e com o efeito cumulativo da combinação desses elementos, envolvendo a manipulação das unidades básicas e sua relação formal e compositiva com o significado pretendido (Dondis, 2015). À luz dessa perspectiva, a análise das linhas presentes na gravura permite compreender como os componentes estruturais da imagem organizam a percepção e orientam a interpretação do observador.

Quando articulados, esses elementos visuais oferecem uma leitura abrangente das condições de trabalho e das hierarquias sociais vigentes no contexto representado, destacando o papel utilitarista atribuído aos animais não humanos e a exploração da força de trabalho humana, frequentemente subordinada às estruturas de poder dominantes no século XIX. A disposição gráfica dos corpos, dos objetos e dos mecanismos de tração a cena de Debret constrói narrativas visuais que revelam relações de poder espacializadas na composição. Assim, observar a gravura sob a ótica da arquitetura visual proposta por Dondis (2015) participa da construção simbólica das relações interespecies no contexto histórico, ao atinar para os modos como a representação

produz sentidos sobre a organização socioeconômica do período.

Na litogravura em questão, um detalhe técnico significativo é a maneira como as cordas são utilizadas para amarrar as vigas de madeira à carroça. A proporção entre o cavalo e as vigas, conforme observado na reprodução Figura 3, sugere que a extensão da viga é quase quatro vezes o comprimento do cavalo. As cordas, estrategicamente amarradas, fixam as vigas à carroça e se entrelaçam pelas rodas, estendendo-se até o peito do cavalo, imbricando o animal ao mecanismo de transporte.

Esse arranjo evidencia a técnica de amarração utilizada e suscita questões sobre a relação entre o animal humano e a força motriz que sustenta todo o mecanismo de transporte. O cavalo, aparentemente marcado pelas iniciais *PJ* por meio de um ferrete, Figura 4, é representado como um componente da engrenagem operativa e como um ser cuja existência parece intrinsecamente vinculada à função que desempenha no transporte das três vigas. A descrição visual apresentada por Debret (2016, p. 293) possivelmente orienta essa leitura, ao sugerir a instrumentalização

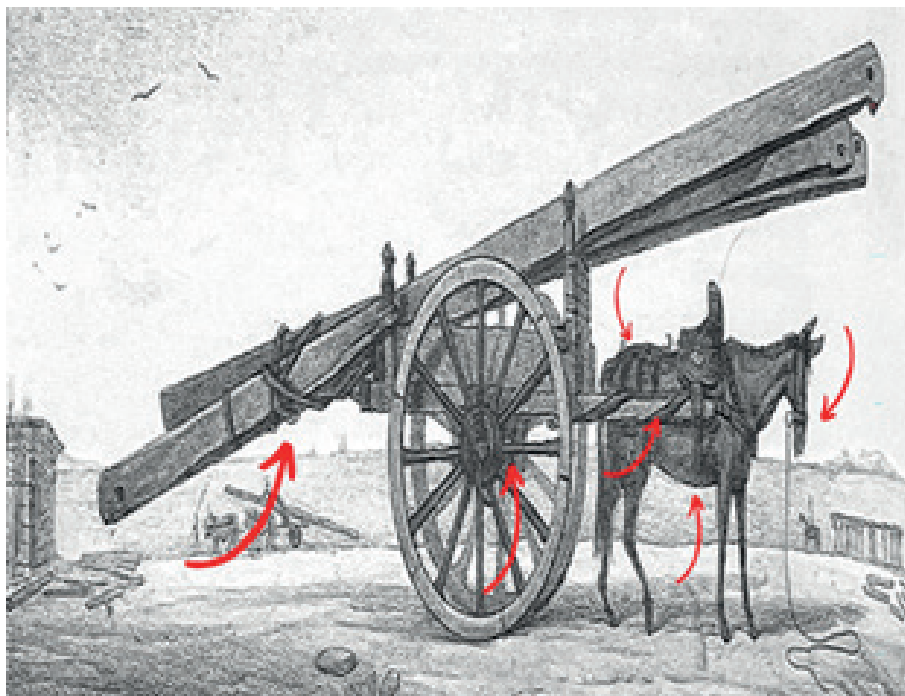


Figura 3 - Estudo dos pontos de tensão e tração no corpo do cavalo e na carroça, a partir da gravura *Charroi de bois de charpente*.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Debret, 2016, p. 292.



Figura 4 - Detalhes da gravura *Charroi de bois de charpente*, com recortes que revelam marcas, equipamentos e pontos de pressão no corpo do cavalo.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Debret, 2016, p. 292.

do cavalo no cenário laboral, convidando à reflexão sobre as implicações dessa realidade, na qual os aspectos subjetivos dos animais não humanos são ofuscados por sua serventia.

Este elemento da obra atua, portanto, como um ponto de ponderação sobre as práticas de trabalho e a relação homem-cavalo no Brasil do século XIX, testemunhando que a vida e o bem-estar do cavalo eram, ou ainda são secundarizados em relação às exigências de transporte e carga.

Na sequência da análise, o estudo aponta com setas em rosa, Figura 5, partes do corpo do cavalo, como as orelhas e a pele, nas quais se observam elementos que podem ser compreendidos como representações de uma visão cartesiana aplicada aos não humanos. O procedimento seleciona os pontos mais visíveis e, ao lado de cada parte destacada, indica características específicas que ressaltam aspectos do comportamento do cavalo e possíveis sequelas corporais, ambos associados à perspectiva mecanicista.

A gravura em discussão parece revelar visualmente um cavalo com sinais de fadiga. Essa condição pode transcender o mero esgotamento físico e insinuar uma negação de sua natureza e identidade. A representação

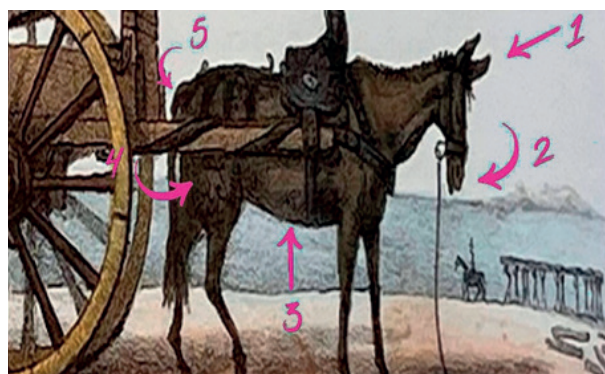


Figura 5 - Estudo localizado do corpo do cavalo a partir da gravura *Charroi de bois de charpente*.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Debret, 2016, p. 292.

artística testemunha a carga física suportada pelo equino e sugere também uma carga existencial, questionando a função e o papel do cavalo para além de suas atribuições utilitárias. A obra de arte, assim, desafia a percepção do cavalo como mera ferramenta de trabalho e meio de transporte. Ela nos convida a considerar a possibilidade de uma identidade equina que ultrapasse as demandas humanas de exploração. Ao retratar a exaustão do animal não humano, a gravura provoca um eco sobre o indivíduo equino, levando à reflexão sobre sua subjetividade, frequentemente suprimida em favor das necessidades humanas. Essa abordagem crítica da representação do cavalo

Parte do corpo	Características
1- Orelhas	Caídas para frente
2- Boca	Entreaberta e caída
3- Barriga	Marcas na pele e presa à barrigueira
4- Pele da coxa	Marcas de iniciais feitas por ferrete
5- Rabo	Presos a uma cilha traseira

Tabela 1 - Elementos da Figura 5.
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

parece, portanto, questionar a validade de se enxergá-lo apenas sob a ótica da servidão.

Por fim, destacamos alguns dos equipamentos utilizados em cavalos de trabalho, tais como sela, barrigueira, cabresto, rédea, brida, arreios e *cilha*¹ traseira. É possível observar como o corpo do cavalo está revestido por esses artefatos, cada qual com função específica de controle, condução e contenção, assegurando ao humano a eficiência do trabalho realizado pelo não humano.

Nesse estudo gráfico, é possível identificar diversos equipamentos utilizados no controle e direcionamento do cavalo. Primeiramente, destaca-se o cabresto, que se ajusta ao redor da cabeça do animal e é conectado à rédea. Esse dispositivo permite ao humano controlar os movimentos do equino e, na imagem, observa-se uma corda solta que provavelmente serve como guia adicional de controle. A sela, posicionada nas costas do cavalo, proporciona um assento seguro para o condutor humano. Para manter a sela firmemente no lugar, é utilizada a barrigueira, uma correia que passa por baixo da barriga do cavalo, prevenindo o deslizamento do equipamento.

Ademais, os arreios, visíveis na gravura, são estruturas compostas por couro e correias que conectam o cavalo à carroça ou a outros equipamentos de tração. Esses arreios distribuem o peso da carga de maneira que, do ponto de vista humano, facilita a eficiência do trabalho. Além dos equipamentos de tração e controle, observam-se outros elementos que reforçam a operacionalização do corpo equino. As iniciais marcadas por ferrete na pele da coxa são indicativas de propriedade e controle humano, transformando o cavalo em um objeto marcado e identificado

para um uso específico. Essas marcas são simbólicas da apropriação do corpo animal, convertendo-o em ferramenta de trabalho. O rabo preso a uma cilha traseira reforça essa lógica instrumentalizada, demonstrando como cada parte do corpo do cavalo é ajustada e adaptada para maximizar sua eficácia como força de trabalho. Essas observações estão sistematizadas na Tabela 1.

Conforme descrito, algumas características físicas específicas do cavalo destacam marcas de controle e subordinação, organizadas visualmente em diferentes partes do corpo. Esses sinais de desgaste, decorrentes da funcionalização, observados na gravura, refletem uma perspectiva utilitarista que historicamente orientou o uso de animais não humanos no trabalho.

Conforme argumenta Cunha, a situação típica dos animais não humanos é a sujeição rotineira a extremos de sofrimento decorrentes de sua exploração, o que expõe uma estrutura de dominação que naturaliza a mecanização de seus corpos (Cunha, 2021, p. 25). Essa perspectiva atravessa múltiplos campos de conhecimento e mostra como a interdisciplinaridade se articula no campo das artes quando a análise visual dialoga com contribuições de outras áreas dedicadas às relações interespecies.

A submissão do animal é sugerida pelas orelhas caídas para a frente e pela boca entreaberta, indicativos possíveis de exaustão e coerção servil. Essa análise gráfica permite observar como a representação visual da obra de Debret aduz subterfúgios que concatenam uma visão utilitarista da época. Os equipamentos destinados ao controle e uso do cavalo nas diversas tarefas destacam

sua função essencial nas atividades humanas, mas levantam questões éticas sobre o uso dos não humanos como ferramentas de produção. Embora projetados para aumentar a segurança e a eficiência a serviço do humano, tais dispositivos impõem uma carga significativa aos equinos, sinalizando as assimetrias presentes nas relações de poder entre espécies.

O uso de equipamentos de trabalho por humanos geralmente visa garantir segurança e eficiência na execução de tarefas. No entanto, a análise levanta uma questão sobre a direção e os propósitos dessa prática, destacando a necessidade de considerar a quem, de fato, tais mecanismos servem. Esse apontamento torna-se relevante ao observar o uso instrumentalizado do cavalo, cujo corpo é subordinado às demandas humanas.

ANOTAÇÕES GRÁFICAS A PARTIR DO CORPO EQUINO

As anotações gráficas realizadas a partir da imagem revelam aspectos técnicos e simbólicos do uso do cavalo como força de tração. Na reprodução da Figura 6, duas linhas

vermelhas foram traçadas para indicar o peso representado pelas madeiras e a base que toca o chão, exibindo os elementos que sustentam e carregam a carga. A linha vermelha maior indica a carga principal posicionada sobre a carroça, enquanto a linha vermelha menor representa os rastros deixados no solo pela movimentação das rodas e dos passos do cavalo. Durante o processo de desenho e observação, as linhas verdes foram se construindo naturalmente, sem a intenção prévia de formar elementos geométricos.

Contudo, à medida que o desenho avançou, essas linhas verdes passaram a revelar formas triangulares que expressam pontos de suporte e distribuição de força. O triângulo verde à esquerda, situado entre o eixo das rodas e a base da carroça, indica como o peso da carga é distribuído de modo a permitir a tração eficiente. Já o triângulo verde à direita, que envolve o corpo do cavalo, sugere uma estrutura de suporte que possibilita ao animal movimentar a carga, denotando uma ordenação técnica aplicada à exploração desse corpo.

Essas anotações gráficas ressaltam a complexidade da tarefa e a carga física

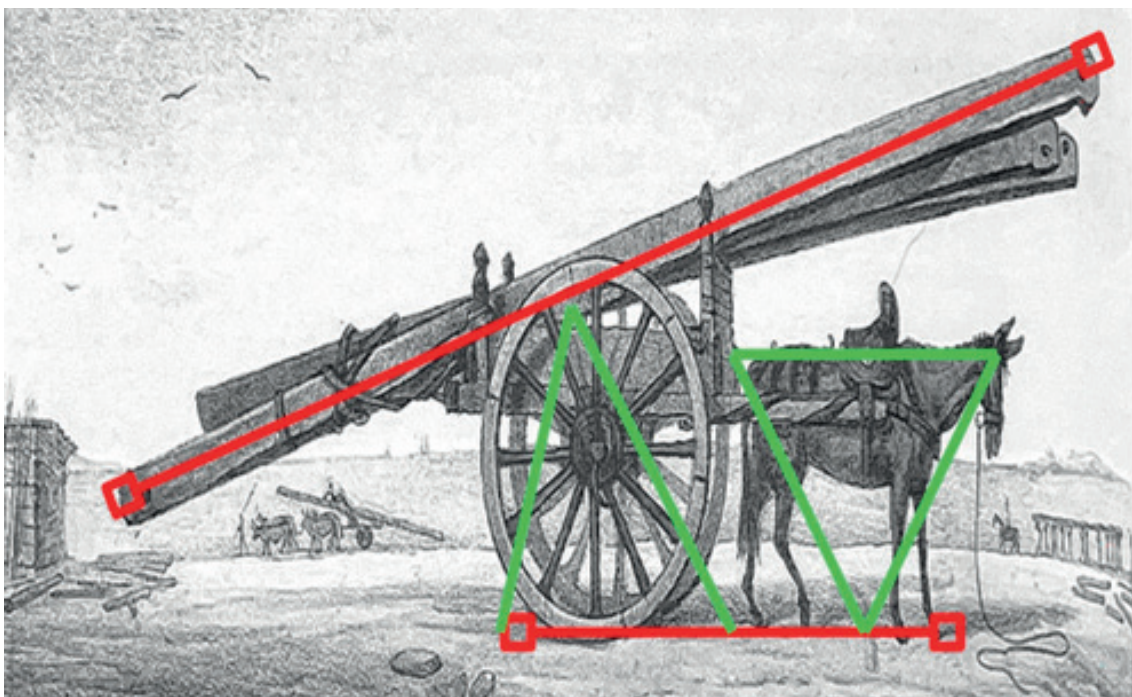


Figura 6 - Estudo gráfico estrutural realizado a partir da gravura *Charroi de bois de charpente*.
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Debret, 2016, p. 292.

suportada pelo cavalo, contribuindo para a visualização do impacto exercido sobre esse ser. A corda solta no chão, mesmo na ausência de presença humana próxima, pode ser interpretada como indício de subjugação, insinuando que o cavalo é concebido como ente destinado ao controle e à servidão. No primeiro plano, a precisão gráfica captura detalhes físicos que indicam desgaste, como cicatrizes visíveis na parte inferior do tronco e os lábios inferiores caídos. Esses elementos visuais sugerem um longo histórico de labor e exposição a condições adversas. A postura do cavalo, com os olhos fechados e aparentando aguardar instruções, reforça a ideia de sua condição reduzida a uma ferramenta. Ao representá-lo nesse estado de inatividade e aparente espera, a imagem produz uma leitura possível sobre a exploração fundamentada em uma lógica antropocêntrica que instrumentaliza.

Ao considerar esses aspectos gráficos que sinalizam desgaste e submissão, torna-se relevante observar também elementos expressivos do corpo equino que indicam seu estado perceptivo diante da situação representada. A capacidade auditiva do cavalo é amplamente desenvolvida, permitindo-lhe

detectar sons a longas distâncias e identificar a origem de diferentes ruídos simultaneamente. Essa sensibilidade é destacada pela posição das orelhas direcionadas para a frente, indicativo possível de tensão, curiosidade ou atenção (Cintra, 2021, p. 16). A postura das orelhas e a posição da cauda junto ao corpo refletem seu estado físico e emocional, demonstrando percepção e reação ao ambiente circundante.

Avançando na reflexão, é pertinente considerar a prática de marcação com ferrete, que ilustra como os cavalos respondem a estímulos dolorosos. Os equinos podem demonstrar sensibilidade a lesões menores, como esfoladuras causadas pela cilha, o que pode alterar significativamente seu comportamento (Hontang, 1989, p. 98). A partir desse ponto, é possível ampliar a análise crítica da obra, considerando como o sofrimento e a exploração são estetizados e representados como parte de um cenário laboral.

Na reprodução apresentada na Figura 7, o estudo traça anotações lineares para destacar elementos-chave que manifestam a dinâmica e a carga física imposta ao cavalo. A linha verde é desenhada para representar o peso da madeira, simbolizando um elemento de

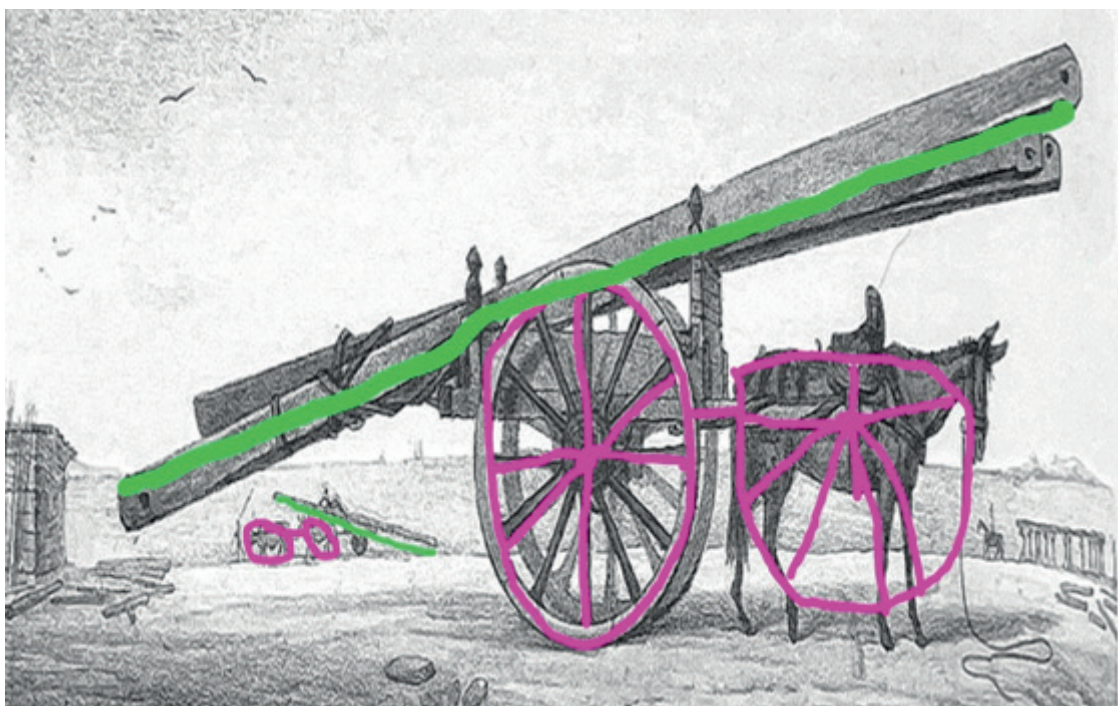


Figura 7 - Estudo gráfico de alinhamentos e correspondências visuais na gravura *Charroi de bois de charpente*.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Debret, 2016, p. 292.

exploração ao salientar a extensão total da carga, que se projeta de ponta a ponta das vigas. Esse recurso gráfico denuncia a magnitude do peso que o cavalo é compelido a suportar.

As linhas rosas são utilizadas para apontar semelhanças estruturais entre a roda e o cavalo. A estrutura circular da roda e as linhas que a dividem em seções refletem uma organização simétrica e repetitiva que se aproxima da forma como o corpo do cavalo é segmentado e controlado pelos arreios e demais equipamentos. A roda, como elemento mecânico, e o cavalo, como ser senciente, são apresentados como componentes interdependentes do sistema de transporte, sugerindo uma equivalência operativa que subordina o corpo animal à lógica mecânica.

Ao traçar essas linhas, torna-se visível como o cavalo é integrado à estrutura operacional da carroça. O estudo sugere que a roda e o cavalo compartilham uma relação simbólica na qual ambos são essenciais para a movimentação da carga, representando, entretanto, dimensões distintas desse processo. A roda pode ser interpretada como símbolo de progresso e mecanização, enquanto o cavalo simboliza a força motriz que sustenta o sistema.

A apresentação dos aspectos físicos e comportamentais do cavalo segue uma linha de análise fundamentada nas áreas da medicina veterinária e da etologia. Estudos científicos dessas disciplinas fornecem dados que auxiliam a compreender o comportamento e as reações dos cavalos a diferentes estímulos físicos, permitindo uma articulação mais imbricada entre essas informações e a obra analisada. A integração dessas informações ao contexto da gravura não busca promover uma visão particular sobre a relação entre humanos e cavalos, mas contribuir para uma leitura plural do trabalho em arte. A menção às características físicas e comportamentais, bem como às respostas a estímulos dolorosos, procura delinear a complexidade do corpo em estudo, sem implicar uma postura normativa quanto ao seu tratamento.

A posição central do cavalo na sociedade brasileira do século XIX, especialmente antes

da adoção do carro como principal meio de transporte, é fundamental para compreender o valor econômico e social atribuído a essa espécie. Esse contexto enfatiza a complexidade dessa relação interespecie, marcada por uma dependência utilitarista que frequentemente relegava as necessidades naturais e o bem-estar dos animais a um plano secundário. Considerar esse cenário histórico torna-se relevante para a análise da gravura, uma vez que permite reconhecer como determinadas formas de representação visual refletem e reforçam códigos sociais e estruturas de poder presentes no período.

A reconsideração do cavalo como ser senciente e social realça a discrepância entre o reconhecimento dessas características e a realidade das práticas humanas historicamente aplicadas a esses animais (Cintra, 2021, p. 35). Nesse sentido, a análise não assume a aplicação literal de categorias atuais à obra do século XIX, mas articula temporalidades distintas com o intuito de sinalizar como certos códigos visuais podem expressar relações de poder que continuam ressoando no presente. Essa perspectiva busca evitar leituras anacrônicas, recusando a aplicação direta de categorias contemporâneas ao século XIX, e propõe uma abordagem que reconhece as diferenças históricas sem ignorar os diálogos possíveis com o tempo atual. Parte-se do entendimento de que certas estruturas de representação visual podem extrapolar seus contextos originais, permitindo observar permanências e transformações nas formas de perceber e relacionar-se com os animais não humanos.

O estudo propõe uma reflexão gráfica sobre o movimento vinculado ao trabalho considerado fundamental para o progresso, destacando a aderência entre o cavalo e a carroça. Conforme apresentado na Figura 8, a linha azul demarca esse deslocamento e explicita a conexão física entre os elementos, indicando a continuidade do gesto laborioso que atravessa o corpo equino. A marcação azul opera como recurso visual que acentua a interdependência operacional entre cavalo e equipamento, tornando visível como o movimento do animal é subordinado à lógica de eficiência do sistema de tração.

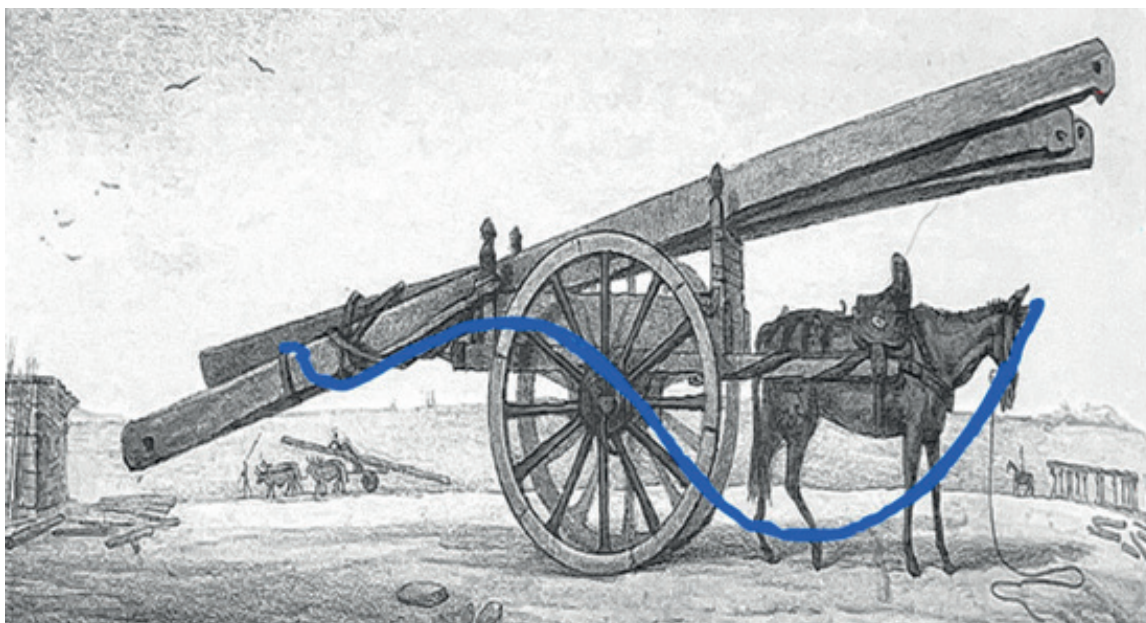


Figura 8 - Estudo gráfico da linha de movimento na gravura *Charroi de bois de charpente*.
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Debret, 2016, p. 292.

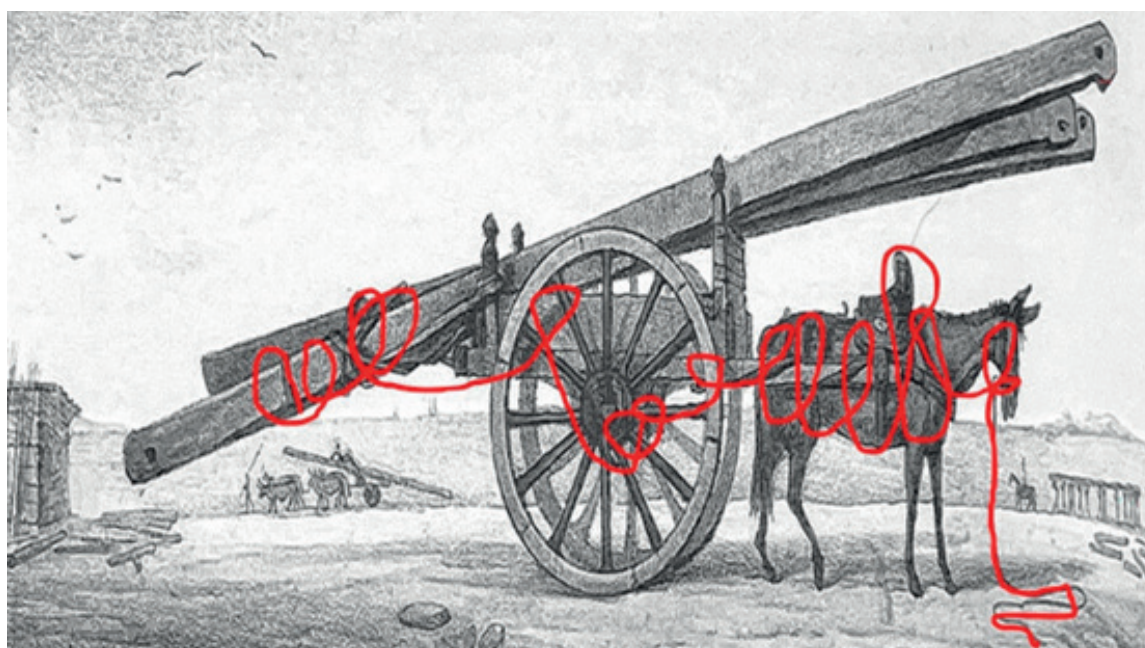


Figura 9 - Representação gráfica da Linha Colonizadora na gravura *Charroi de bois de charpente*.
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Debret, 2016, p. 292.

Essa representação gráfica do movimento e da aderência reforça a reflexão sobre a exploração utilitária dos cavalos. Ao visualizar o fluxo de movimento delineado pela linha azul, torna-se possível compreender a carga física e emocional imposta ao cavalo, desnudando o esforço exaustivo que o vincula à lógica produtiva humana.

Conforme apresentado na Figura 9, a pesquisa propõe uma reflexão gráfica sobre as amarras

que submetem o corpo equino, atrelado à imagem e ao simbolismo cultural do trabalho. A linha vermelha curva e espiralada que atravessa a composição é nomeada como Linha Colonizadora, simbolizando o controle exercido sobre o corpo do outro. Essa marca gráfica representa as forças e restrições impostas ao cavalo, desde os aparatos físicos, como cordas e equipamentos de tração, até os condicionamentos simbólicos que reiteram seu lugar como força servil.

A Linha Colonizadora tem início e fim em cordas, indicando um serviço contínuo e inescapável que configura o corpo do cavalo como extensão da carroça e da carga. Ela contorna e engole o corpo do animal, escancara os modos como os cavalos são subjugados e explorados no cenário laboral. Para além da dimensão física, a linha vermelha atua como signo dos preceitos culturais que moldam a percepção social do cavalo, fixando-o em uma lógica de instrumentalização e desbotamento.

Definida neste estudo como um elemento gráfico e simbólico que representa estruturas de dominação que disciplinam e controlam o corpo do outro, a Linha Colonizadora articula dimensões materiais e ideológicas. Ela se rabisca entre a ausência de autonomia e a imposição de uma identidade instrumentalizada ao cavalo, submetendo-o a um papel necessário dentro da engrenagem socioeconômica. A forma emaranhada que envolve seu corpo convida à reflexão sobre essa dinâmica, marcada pelo jugo do ser senciante a uma lógica de produção. Trata-se, portanto, de um dispositivo visual que condensa relações históricas de poder e opera como metáfora das forças que regulam e organizam corpos reduzidos à operacionalidade.

Finalizando a leitura gráfica construída ao longo do estudo, a pesquisa propõe um apontamento linear que integra as observações visuais anteriores. Nessa composição, a linha verde maior se destaca por se repetir três vezes para representar as madeiras, sublinhando o peso simbólico e físico da carga. O corpo do equino é visualmente revelado por sua funcionalidade em conjunto com a roda, materializando uma visão mecanicista que reduz o animal a um dispositivo de uso no sistema de trabalho. A linha rosa, desenhada em espiral ao redor da roda e envolvendo o cavalo, sugere a integração forçada e a subordinação do animal à lógica da maquinaria. Essa marcação gráfica simboliza a maneira como o cavalo é capturado pela função que exerce, reduzido a um elemento estritamente operacional, desprovido de reconhecimento enquanto sujeito, como observado na Figura 10.

Nesta representação gráfica, o cavalo perde sua subjetividade e é limitado como um componente da carroça. Não há sujeito nas linhas e na grafia observada; há apenas função. A máquina, simbolizada pela carroça e pela roda, absorve a vitalidade do cavalo, transformando-o em uma extensão utilitária de si mesma. Essa construção visual opera

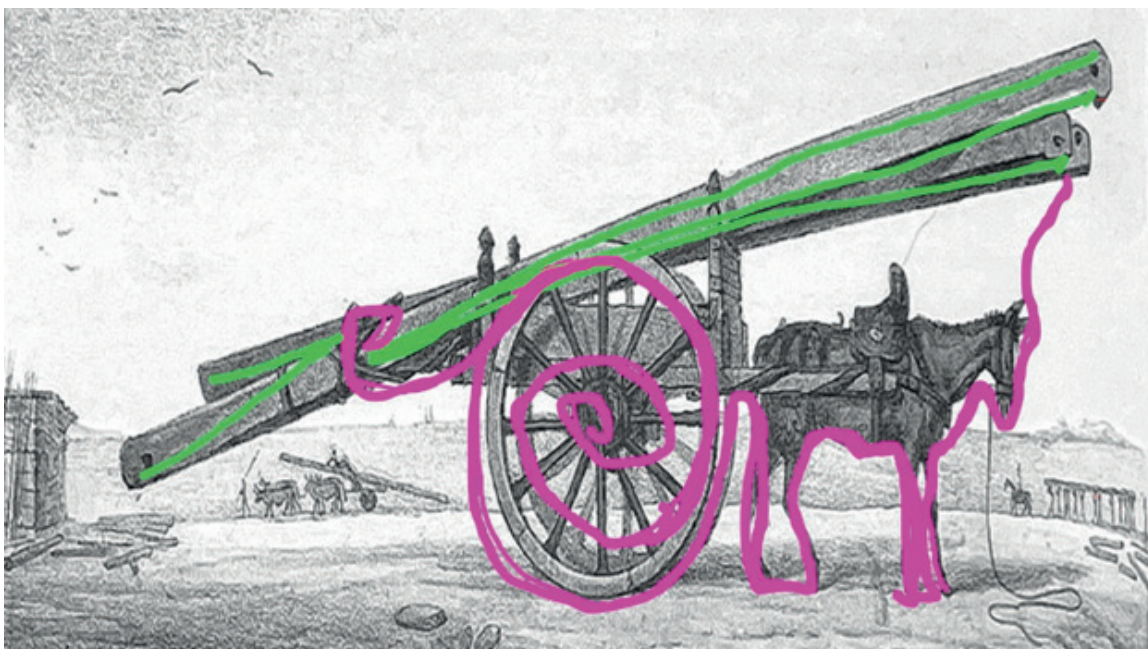


Figura 10 - Estudo gráfico de síntese a partir da gravura *Charroi de bois de charpente*, condensando os elementos analisados nos estudos anteriores.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Debret, 2016, p. 292.

como metáfora da objetificação, revelando como a lógica da utilidade tende a suprimir o olhar para sua individualidade e complexidade existencial.

Essa leitura permite reconhecer como determinadas estruturas visuais podem naturalizar hierarquias e invisibilizar existências, deslocando outras espécies do campo da vida para o campo da ferramenta. A gravura analisada registra uma cena cotidiana do século XIX, mas expõe um sistema de valores que segue ressoando no presente, revelando permanências culturais que sustentam práticas de exploração ainda amplamente legitimadas. Como observa DeMello (2012), o estudo das relações humanas com animais exige o reconhecimento das práticas de dominação que ocultam e silenciam experiências subjetivas de seres não humanos, sustentando estruturas de poder historicamente consolidadas.

Ao observar o cavalo reduzido a ponto de força, emerge a urgência de questionar os modos como os discursos visualmente construídos participam da consolidação de narrativas de dominação que atravessam temporalidades distintas. Nesse sentido, Haraway (2021) propõe pensar as relações interespecies como zonas de contato que demandam coabitação e negociação, abrindo espaço para repensar a convivência para além de hierarquias naturalizadas. Contribuindo para essa perspectiva, DeMello (2012) ainda aponta que as representações culturais dos animais espelham e reforçam sistemas de valores sociais que estruturam relações de poder e delineiam percepções coletivas sobre quais vidas são consideradas disponíveis ao uso humano.

Esse estudo gráfico, ao condensar simbolicamente a relação entre corpo, trabalho e maquinaria, contribui para problematizar os processos pelos quais as imagens produzem e reforçam sentidos culturais. Em diálogo com Freire (2022), que discute estruturas de instrumentalização aplicadas aos humanos como sistemas que naturalizam opressões e demandam desvelamento crítico, a reflexão proposta permite ampliar o debate para pensar

como mecanismos similares podem incidir sobre outros seres. Tal aproximação evidencia que processos de apagamento e submissão, quando naturalizados, perpetuam ciclos de exploração.

Desse modo, a discussão retorna à problemática central da pesquisa: considerar como a representação visual pode atuar na construção e na perpetuação de hierarquias interespecies, revelando os mecanismos que sustentam a instrumentalização dos animais não humanos em contextos históricos e contemporâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs uma análise crítica da representação do cavalo na gravura *Charroi de bois de charpente*, de Jean-Baptiste Debret, articulando elementos da linguagem visual com fundamentos teóricos pluridisciplinares. Ao percorrer a construção gráfica do cavalo como força de trabalho, observou-se que a gravura pode ser lida, a partir de uma perspectiva crítica contemporânea, como inserida em uma lógica antropocêntrica e *especista*,² que historicamente relegou esses seres à condição de extensões operantes do sistema laboral. Essa leitura não implica atribuir a Debret a intenção de sustentar ou defender tais estruturas, uma vez que o artista registrou visualmente práticas sociais de seu tempo; trata-se, antes, de reconhecer como a obra, revisitada no presente, permite ilustrar mecanismos históricos de subordinação que atravessaram, e continuam atravessando, as relações entre humanos e outros animais. A escolha de analisar as linhas como elementos estruturantes da composição permitiu revelar formas sutis e simultaneamente contundentes pelas quais o corpo equino é integrado a uma maquinaria simbólica e física, tornando-se extensão de uma articulação socioeconômica.

A abordagem gráfica apresentada ao longo do artigo, com destaque para a criação da Linha Colonizadora como um traçado conceitual, despe o modo como a representação visual reforça estruturas de dominação, ao circunscrever o corpo do cavalo às

forças corpóreas impostas pelo trabalho. A Linha Colonizadora, construída a partir de observações lineares que atravessam e contornam o corpo do equino, sintetiza visualmente os mecanismos de subordinação, operando como metáfora gráfica da captura do corpo do outro. Ao revelar o percurso ininterrupto que liga os aparatos de tração ao corpo animal, essa linha expõe a lógica de contenção e controle que transforma o cavalo em engrenagem e desbota sua existência sensível. Assim, a Linha Colonizadora constitui a principal contribuição conceitual deste estudo no campo das artes visuais, oferecendo um dispositivo visual e analítico capaz de condensar tensões históricas, políticas e éticas presentes nas relações interespecies.

Ao identificar sinais de cansaço e apagamento identitário, observou-se que a gravura não ilustra apenas o papel funcional do cavalo, mas tensiona esse enquadramento ao deixar entrever a existência de um ser que sofre, sente e habita uma experiência encarnada. A leitura proporcionada pelos eixos discutidos sobre imagem, que articulam a análise da imagem e a construção do cavalo como corpo operante no sistema laboral, demonstra que essas representações tanto perpetuam estruturas hierárquicas quanto abrem espaços para novas leituras. O estudo argumenta, com base em DeMello (2012), Hall (2016) e Haraway (2021), que a linguagem e as imagens não descrevem o mundo de forma neutra, mas participam ativamente de sua constituição, fixando sentidos e influenciando práticas sociais.

Nas análises desenvolvidas, a abordagem concentrou-se nos apontamentos visuais extraídos da gravura e na interpretação gráfica dos elementos que compõem a construção simbólica do cavalo enquanto corpo instrumentalizado. Não se pretendeu realizar uma discussão aprofundada de caráter multidisciplinar, e reconhece-se que referências à filosofia, ao direito animalista, à antropologia e à medicina veterinária exigiriam desenvolvimentos teóricos mais amplos do que os aqui apresentados. O estudo apoiou-se pontualmente nas contribuições de autores como Cintra (2021), no campo da medicina

veterinária, e Hontang (1989), no campo da etologia, que auxiliaram a compreender aspectos do comportamento e da sensibilidade dos equinos no processo de interpretação visual.

Assume-se ainda a necessidade de cautela ao relacionar categorias contemporâneas a obras produzidas no século XIX. A análise buscou articular temporalidades distintas sem aplicar anacronicamente conceitos atuais ao contexto original da gravura, mas refletindo sobre como determinadas estruturas visuais podem ressoar criticamente no presente e orientar sobre permanências culturais relacionadas à exploração do trabalho animal. Nesse sentido, a leitura proposta contribui para a discussão sobre os modos pelos quais imagens constroem e perpetuam hierarquias interespecies, convidando à revisão de entendimentos naturalizados sobre os corpos mais que humanos e seu lugar na história e na representação artística.

Conclui-se que a obra de Debret, ao mesmo tempo em que reitera a lógica mecanicista do século XIX, oferece brechas interpretativas para a emergência de uma crítica ao paradigma de dominação sobre os animais não humanos. A gravura torna-se um dispositivo visual capaz de promover deslocamentos na forma como os esses entes são percebidos e representados na arte, apontando para a necessidade de reconfiguração das narrativas visuais que os envolvem. Ao tornar visível a sobreposição de cargas físicas e simbólicas que recaem sobre o corpo do cavalo, este trabalho propõe um alargamento do debate sobre complexidade dos animais não humanos na história da arte. Propõe-se que olhares mais atentos à materialidade gráfica e à densidade simbólica das representações possam desestabilizar visões tradicionais e abrir caminho para epistemologias que integrem saberes e subjetividades mais que humanas, ampliando o campo para além de perspectivas antropocêntricas.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Gean Maria; FERNANDES, Neusa. **A Missão Artística Francesa de 1816**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Divisão de Educação Extra-Escolar, 1967.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Abingdon, v.3, n.2, p. 77-107, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/235356393_Using_thematic_analysis_in_psychology>. Acesso em: 20 mar. 2024.

CINTRA, André Galvão de Campos. **O cavalo: características, manejo e alimentação**. São Paulo: Roca, 2021.

CUNHA, Luciano Carlos. **Uma breve introdução à ética animal**: desde as questões clássicas até o que vem sendo discutido atualmente. Curitiba: Appris, 2021.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Tradução de Sérgio Milliet. Organização de Jacques Leenhardt. São Paulo: Imprensa Oficial do Governo do Estado de São Paulo, 2016.

DEMELLO, Margo. **Animals and society**. 2. ed. New York: Columbia University Press, 2012.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 83. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica de Arthur Ituassu. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/ Apicuri, 2016.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HONTANG, Maurice. **A psicologia do cavalo**. Tradução de Aristeu Mendes Peixoto. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

HORTA, Reginaldo José. A violência contra os animais: da doutrina cartesiana da *bête-machine* às práticas da criação intensiva e do uso de animais pela ciência. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v.8, n.15, p. 86-102, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2017v8n15p86/12026>>. Acesso em: 13 out. 2024.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. Tradução de Marly Winckler. Revisão técnica de Rita Paixão. Edição revista. Porto Alegre/São Paulo: Lugano, 2004.

Notas

¹ Tira de couro ou de pano com que se prende a sela ou a carga sobre o lombo de uma cavalgada. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cilha>>. Acesso em: 28 mar. 2025.

² O termo especista deriva de especismo, conceito utilizado para designar formas de discriminação baseadas na pertença a uma espécie, produzindo hierarquias morais que privilegiam interesses humanos em detrimento dos interesses de outros seres. Conforme aponta Cunha (2021, p. 9), há apenas algumas décadas era raro ouvir debates sobre especismo, senciência, veganismo ou sofrimento animal; hoje, porém, tais discussões tornaram-se frequentes no meio acadêmico e vêm ganhando força na sociedade. Cada vez mais se reconhece que o especismo não constitui uma questão secundária, mas um problema ético que demanda reflexão crítica.

SOBRE A AUTORA

Carla Santana Soares Bulcão é doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura na Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie (PPGEAHC/Mackenzie), onde também concluiu o mestrado. Pós-graduada em Animais e Sociedade pela Universidade de Lisboa e em História da Arte pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, e bacharel em Pintura pela EBA/UFRJ. Integra a Coletiva Animalia, o Grupo Diversitas/USP e o Centro de Ética Ambiental/UFRJ. Seu foco de pesquisa é a interseccionalidade entre arte, ética animal e história da cultura. ORCID: <<http://orcid.org/0009-0006-1763-5960>>. E-mail: carla.bulcao@live.com

Recebido em: 29/3/2025

Aprovado em: 5/11/2025